

# **AS PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS E JOVENS ATENDIDOS PELA FUNDAÇÃO CIDADE MÃE SOBRE O TEMA DA VIOLÊNCIA NA CIDADE DE SALVADOR, BAHIA**

RESULTADO DE INVESTIGAÇÃO REALIZADA NO ÂMBITO DA UNIVERSIDADES DO ESTADO DA BAHIA – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO E CIDADANIA

GRUPO DE TRABALHO (24): Violencia, Democracia y seguridad. Defensa y promoción de derechos

PATRICIA LESSA SANTOS COSTA  
CARLA LIANE NASCIMENTO DOS SANTOS  
Universidade do Estado da Bahia – UNEB

## **RESUMO<sup>1\*</sup>**

A temática da violência constitui uma questão crucial que desafia as políticas de desenvolvimento social na América Latina na contemporaneidade e afeta particularmente os jovens. Visando compreender este fenômeno, realizou-se uma pesquisa a representação dos atores envolvidos. Desta forma, o estudo foi realizado com jovens atendidos pela Fundação Cidade Mãe (FCM), em Salvador, Bahia e buscou lançar luz sobre o tema da violência a partir da percepção dos jovens deste contexto escolar. Para tanto, realizou-se entrevistas com cem jovens atendidos na Fundação. Nesta pesquisa partiu-se do pressuposto de que a violência sofrida ou praticada pelos jovens possui forte vinculação com a situação de vulnerabilidade social. Este trabalho apresenta informações sobre a percepção das crianças, adolescentes e jovens sobre a violência.

**PALAVRAS-CHAVE:** JUVENTUDE. VIOLÊNCIA. REPRESENTAÇÕES SOCIAIS.

## **1. INTRODUÇÃO**

Este artigo apresenta os resultados da pesquisa realizada nas Empresas Educativas da Fundação Cidade Mãe – FCM entre os anos de 2011 e 2012. A FCM é um instituição constituída pelo Poder Público Municipal de Salvador cuja missão é implementar políticas voltadas para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade, promovendo sua formação educacional para o exercício da cidadania e inserção no trabalho. Está instalada em 8 bairros de Salvador caracterizados pela pobreza extrema e desagregação social, alto grau de analfabetismo e desemprego. Conforme Guimarães (2000) entre os objetivos delineados pela Fundação está a busca por recuperar a auto-estima de jovens de bairros carentes da capital baiana.

O estudo realizado com os jovens atendidos por essas unidades buscou lançar luz sobre o tema da violência e pobreza a partir da percepção dos mesmos, com vistas a subsidiar as ações do Observatório do Mundo Juvenil implantado em parceria com a cidade de Torino, Itália. Desta forma, se pautou nas representações sociais de crianças, adolescentes e jovens do contexto escolar da FCM sobre a violência. Isto permitiu obter informações sobre as principais demandas existentes entre crianças e

---

<sup>1</sup> \* Deste trabalho fizeram parte uma equipe de pesquisadores formada por professores, técnicos e estudantes da Universidade do Estado da Bahia a saber: Augusto Tibiriçá Almeida De Souza, Dionalle Monteiro de Souza, Eneida Maria Abreu de Souza, Leliana Santos de Souza.

jovens no que tange à violência, de modo indicar possibilidades de intervenção e enfrentamento do problema.

A temática da violência constitui uma questão crucial que desafia as políticas de desenvolvimento social na América Latina na contemporaneidade. Presenciam-se, atualmente, expressivos números que relacionam crianças e adolescentes à violência, sejam como vítimas, sejam como autores.

Nesta pesquisa partiu-se do pressuposto de que a violência sofrida pelos jovens (ou por eles praticada) possui forte vinculação com a situação de vulnerabilidade social em que vivem e que é relacionada, em parte, ao declínio das oportunidades formais de trabalho. Destarte, a não inserção no mercado de trabalho tem colocado a infância e juventude latino-americana em uma posição de falta de perspectivas futuras, dificultando, por conseguinte, o acesso às estruturas de possibilidades disponíveis nos campos da saúde, educação, trabalho, lazer e cultura. Em consequência, delineiam-se cenários críticos difíceis de enfrentamento por meio de políticas públicas (ABRAMOVAY, 2002).

No caso dos jovens atendidos pelas Empresas Educativas da FCM, há de se destacar que a grande maioria advém de famílias pobres que buscam na instituição oportunidades de formação e qualificação profissional. Outrossim, é recorrente o contingente de jovens que busca tais unidades como um abrigo das ruas, da fome, da violência dentro e fora de suas casas.

## 2. INFÂNCIA, JUVENTUDE E VIOLÊNCIA.

A infância e a juventude bem como as representações infantis e juvenis do mundo são um objeto de estudo relativamente novo para as ciências humanas e sociais, só muito recentemente elas consideraram crianças e adolescentes como atores sociais e sob uma perspectiva histórica. Como consequência, há poucos estudos sobre o universo complexo e multifacetado da infância e juventude e sua relação, por exemplo, com a família, com a violência, com a escola.

A criança e o adolescente se constituíram como problema social somente a partir do século XIX, mas não ainda como objeto de investigação científica. Um marco nos estudos sobre o tema, mais especificamente sobre a infância, é a publicação na década de 60 do livro *Historia social da infância e da família* de Philippe Áries (1973), cuja tese é o entendimento da infância como invenção da modernidade, uma categoria social construída recentemente. De acordo com a pesquisa histórica que realizou sobre o tema ele conclui que antes do século XVII as crianças só recebiam tratamento diferenciado nos primeiros anos de vida, sendo posteriormente consideradas como pequenos adultos; isso fica demonstrado, por exemplo, nas pinturas de época que retratam crianças vestindo trajes exibindo poses e expressões faciais de indivíduos adultos.

A definição da infância como categoria autônoma caracterizada pela imaturidade e necessidade de proteção é, pois, moderna e remete à transição dos séculos XVII para o XVIII (BAUMAN, 2001) com a Revolução Educacional, que entende ser a escola o lócus primordial para a escolarização, a moralização e a disciplina dos jovens, cabendo a ela a tarefa de transformá-los em adultos socialmente aceitos. Já a categoria juventude, compreendida hoje entre as idades de 15 a 24 (WAISELFISZ, 2004) é considerada uma invenção da sociedade moderna industrial. Nessa época a juventude desponta a partir da contestação da ordem e dos valores capitalistas (HOBSBAWM, 1995). Já Bourdieu (1983) entende a juventude como uma *palavra*, por se tratar de uma categoria socialmente construída que, para além da questão meramente biológica, depende da situação de classe, etnia, gênero etc. nas diversas sociedades.

Pode-se dizer que a institucionalização da escola permite a construção social da infância como hoje é entendida. Desta forma, regras de conduta também são institucionalizadas e se espera das crianças e jovens o desempenho de determinados papéis sociais; a construção social da infância traz em seu bojo expectativas de conduta. Nessa linha encontram-se os estudos de Foucault (1975) sobre a

escola e as práticas pedagógicas destinadas à escolarização, entendidas como *práticas modeladoras de práticas*.

Esse preâmbulo permite chegar a uma assertiva que interessa aos objetivos deste trabalho: de que a criança e o adolescente são categorias criadas historicamente e não seres essenciais ou um estado universal vivido igualmente em qualquer parte. Partindo desta máxima há de se considerar a existência de muitas crianças e muitas infâncias, bem como muitos adolescentes e muitas adolescências, a depender do tempo, do espaço, da situação econômica e social em que vivem.

Partindo desse ponto e sob tal perspectiva estão os estudos sociológicos atuais sobre infância de Montandon (2001) em instituições para crianças. Partido do entendimento da criança como ator social, um ser completo, sua pesquisa deu voz as crianças observando suas práticas cotidianas, suas representações sociais e do imaginário. Considerou essencial ver e ouvir a criança para entender a infância como construtora do mundo.

No caso do Brasil, autores como Del Priore (1991) em seus estudos consideram fundamental reconhecer o protagonismo infantil e juvenil e estudá-lo mais profundamente, dada a importância das suas representações e práticas. Para tanto, faz-se necessário entender a situação atual da infância e juventude no Brasil com relação à pobreza, educação, saúde, violência, participação social, dentre outros temas que compõem essa problemática.

Um estudo realizado pelo UNICEF em 2001 aponta que grandes desafios precisam ser superados no que tange à garantia de direitos das crianças no Brasil, a despeito dos avanços proporcionados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. O maior problema é a pobreza e suas conseqüências, já que 30,5% das crianças de zero a seis anos vivem com renda per capita inferior a meio salário mínimo. No caso da região Nordeste, esse índice chega a alarmantes 53,5% (Barba, Martinez, Carrasco, 2003).

As principais conseqüências de uma infância pobre são a desnutrição, a mortalidade, a evasão escolar, a exploração e violência. A violência contra crianças, de acordo com a UNICEF inclui “violência física, psicológica, discriminação, negligência e maus tratos e vai desde abusos sexuais em casa a castigos corporais e humilhantes na escola; do uso de restrições físicas em casa à brutalidade cometida pelas forças da ordem, de abusos e negligência em instituições até às lutas de gangs nas ruas onde as crianças brincam ou trabalham; do infanticídio aos chamados «crimes» de honra” ([http://www.unicef.pt/pagina\\_estudo\\_violencia.php](http://www.unicef.pt/pagina_estudo_violencia.php))

No que tange aos adolescentes, a alta desigualdade de renda tem gerado formas extremamente diversas de acesso a bens e serviços, reforçando a vulnerabilidade principalmente entre pobres e afrodescendentes. De acordo com Ribas Jr (2004) as limitadas condições de acesso a educação de qualidade e mercado de trabalho ampliam os contingentes de jovens sem atividade definida. Entretanto o mais agravante fenômeno observado com relação à situação juvenil no Brasil é o aumento da mortalidade, tendo como principal causa atos infracionais ou mesmo crime. A baixa escolaridade, as dificuldades de acesso ao mercado de trabalho são fatores que podem levar o jovem à criminalidade e explica, em boa medida, o crescimento da violência.

Inicialmente, é importante elucidar, para os objetivos deste estudo, o que se entende por violência. Essa reflexão perpassa a obra de Arendt (1995) que compreende o fenômeno em sua complexidade e amplitude e o relaciona com o tema da liberdade e da educação. De início há de se considerar que a autora sempre demonstrou uma preocupação com a precisão desse conceito, com sua não banalização. Para ela violência se distingue de poder, de força e de autoridade. De forma resumida o poder significa a habilidade humana de agir em concerto, a força a energia liberada por movimentos físicos e sociais, a autoridade, em sua essência é o reconhecimento inquestionável, onde é necessária a força, a autoridade fracassou. Quanto à violência, distingue-se dos outros pelo seu caráter instrumental. Sua principal definição refere-se ao agir sem argumentar e o império do silêncio.

A reflexão da autora permite a compreensão da violência como forma de supressão da palavra, o que leva à negação da condição humana. Neste sentido, o enfrentamento da violência depende do resgate do direito à palavra, da expressão das necessidades e reivindicações dos sujeitos, do fomento de espaços coletivos de discussão. A diminuição da violência na escola e através da escola está ligada, pois, à sua caracterização como espaço público, político, de manifestação da liberdade. Na reflexão Arendt, uma educação que não fomenta o protagonismo dos sujeitos, perpetua e reitera a violência.

Na atualidade, estudos sobre a violência relacionada a crianças, adolescentes e jovens têm enfatizado a questão como um fenômeno mundial, que precisa ser contextualizado. Autores como Guerra e Azevedo (1997) entendem que a criança vítima de violência no Brasil apresenta uma trajetória de vida marcada pela pobreza, fracasso escolar, exploração de mão-de-obra e tortura, pois muitas vezes sofre maus tratos em instituições de acolhimento de menores. A violência está também presente nas micro esferas do cotidiano, nos mais variados ambientes sociais nos quais sua prática chega a ser banalizada ou mesmo despercebida.

Para Zaluar (1997) o fenômeno da violência pertence ao campo de duas macro e micro dimensões social e moral. Na macro dimensão social violência pode estar relacionada a desigualdade social. Na micro dimensão social tem a ver com a estrutura de convivência da comunidade (sistema de valores, baixo capita social, por exemplo). A macro dimensão moral da violência refere-se a normas e um consenso moral sobre os limites aceitáveis e transgressão das regras de convivência social, sendo a desordem expressão de anomia. Já a micro dimensão moral da violência estão indivíduos com biografias semelhantes que convivem em um ambiente de anomia, mas que seguem trajetórias diferentes de transgressão e não transgressão.

A partir dessas premissas levantadas este estudo visa compreender a situação das crianças, jovens e adolescentes atendidos pela FCM com foco na percepção que tem sobre a violência em suas múltiplas dimensões, a partir das variáveis família, escola, cultura, saúde, habitação, profissionalização, drogadição, valores, segurança, lazer, protagonismo juvenil, sexualidade, inclusão social e convivência comunitária. E também compreender o papel dessa instituição de acolhimento no sentido de garantir o acesso à educação a menores pobres, muitas vezes oriundos de famílias desestruturadas ou marcadas pela violência.

### 3. PERFIL DOS JOVENS ENTREVISTADOS

O questionário semi-estruturado previu um item inicial com a identificação do entrevistado e da unidade ao qual faz parte. A seguir, a Tabela 01 apresenta-se o total de entrevistados com relação à raça e gênero. Tem-se uma maioria de meninos e meninas que se declararam negros (42%), e pardos (36%). Evidencia-se que os bairros populares de Salvador, tradicionalmente concentram população negra e pobre da capital.

**Tabela 01: Caracterização dos entrevistados conforme gênero e raça/cor**

Cor/Raça	Sexo/Gênero		Total
	Masculino	Feminino	
Preta	15	27	42
	15,0%	27,0%	42,0%
Branca	5	3	8
	5,0%	3,0%	8,0%
Parda	9	27	36

	9,0%	27,0%	36,0%
Indígena	6 6,0%	4 4,0%	10 10,0%
Amarela	0 0,0%	3 3,0%	3 3,0%
Não informou	0 0,0%	1 1,0%	1 1,0%
<b>Total</b>	<b>35 35,0%</b>	<b>65 65,0%</b>	<b>100 100,0%</b>

Fonte: Pesquisa direta. Educandos atendidos pela FCM. PROEX/NUEC – UNEB. Maio/2011

Com relação ao grau de instrução do chefe da família, conforme Tabela 02, pode-se perceber uma distribuição mais ou menos equitativa em todas as faixas etárias, o que demonstra a diversidade de padrões educacionais de uma população que reside em áreas caracterizadas como muito pobres, apontando para uma condição heterogênea em termos culturais e educacionais nesses bairros, ainda que haja proeminência entre as faixas de analfabetos até ginásial incompleto (52%).

**Tabela 02: Grau de instrução do “Chefe de Família”**

Grau de Instrução	Casos	% Casos	% válido	% acumulado
Analfabeto/Primário Incompleto	23	23,0	28,8	28,8
Primário Completo/Ginásial Incompleto	29	29,0	36,3	65,0
Ginásial Completo/Colegial Incompleto	14	14,0	17,5	82,5
Colegial Completo/Superior Incompleto	14	14,0	17,5	100,0
Não informou	20	20,0	-	-
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>	<b>-</b>

Fonte: Pesquisa direta. Educandos atendidos pela FCM. PROEX/NUEC – UNEB. Maio/2011.

Destarte, na Tabela 02, muito embora os percentuais de chefe de família analfabeto ou com primário incompleto (23%) e com primário completo ou ginásial incompleto (29%) sejam predominantes, há ocorrência significativa de superior incompleto (14%).

Como se pode perceber na Tabela 03, a maioria das famílias (64%) recebe algum tipo de benefício do governo como forma de complementar a renda familiar e garantir a segurança alimentar. Dentre os benefícios apontados pelos entrevistados o Bolsa Família é o mais expressivo (96.6% dos casos válidos).

**Tabela 03: Recebimento de benefício do governo**

Situação	Casos	% Casos	% válido	% acumulado
Sim, recebe	64	64,0	64,6	64,4
Não recebe	35	35,0	35,4	100,0
Não informou	1	1,0	-	-
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Pesquisa direta. Educandos atendidos pela FCM. PROEX/NUEC – UNEB. Maio/2011

A caracterização ocupacional de pais e mães dos educandos (maioria profissionais informais ou empregadas domésticas), obtida nesta pesquisa, aponta para um tipo de inserção social precária, subalterna e instável que permitem a tais famílias tão somente sobreviver dia após dia, sem grandes expectativas com o futuro. Os tantos “limites” que caracterizam a trajetória de vida dos educandos e de suas famílias se referem à negações de todo o tipo, seja de posses, de renda, de dignidade, de direitos, de possibilidades de desenvolver potencialidades. Nesse caso, estar na FCM pode significar uma esperança de futuro que não reproduza a experiência laboral familiar. Mas, sobre este tema, caberia um novo estudo abordando os egressos da Fundação em termos de inserção profissional e ascensão social. Ao serem questionados sobre a situação econômica familiar em uma pergunta que apresentava um escala de alternativas variando entre Difícil e Muito boa, a maioria, 40,8% referiu-se à mesma como razoável e 37% como boa. Apenas 10% referiram-se ao item difícil. Algumas justificativas dadas pelos jovens puderam esclarecer melhor esta questão, conforme apontadas a seguir:

### **Difícil**

“Porque meus pais estão sem trabalho, e mesmo quando acham o que fazer ganham muito pouco para atender todas as despesas”

“Porque minha mãe está desempregada e ela não pode dar tudo o que a gente quer”

### **Razoável**

“Porque meus pais não ganham muito, mas não falta o básico”

“Nem todo mundo está trabalhando no momento”

### **Boa**

“Porque meu pai trabalha em dois lugares e a minha mãe vende lanche por encomenda ou na praia quando tem sol”

“Porque nada faltou em relação à alimentação”

“Nunca faltou nada e não precisou pedir a ninguém”

### **Muito boa**

“Nunca faltou comida em casa”

O que se percebe na maioria dos relatos é que, mesmo aqueles que consideraram a situação boa ou muito boa, indicam como justificativa ter comida todos os dias. Dito de outra forma, a avaliação se restringe, na interpretação dos jovens, tão somente a não faltar alimentação. Isto se refere, dentre tantas

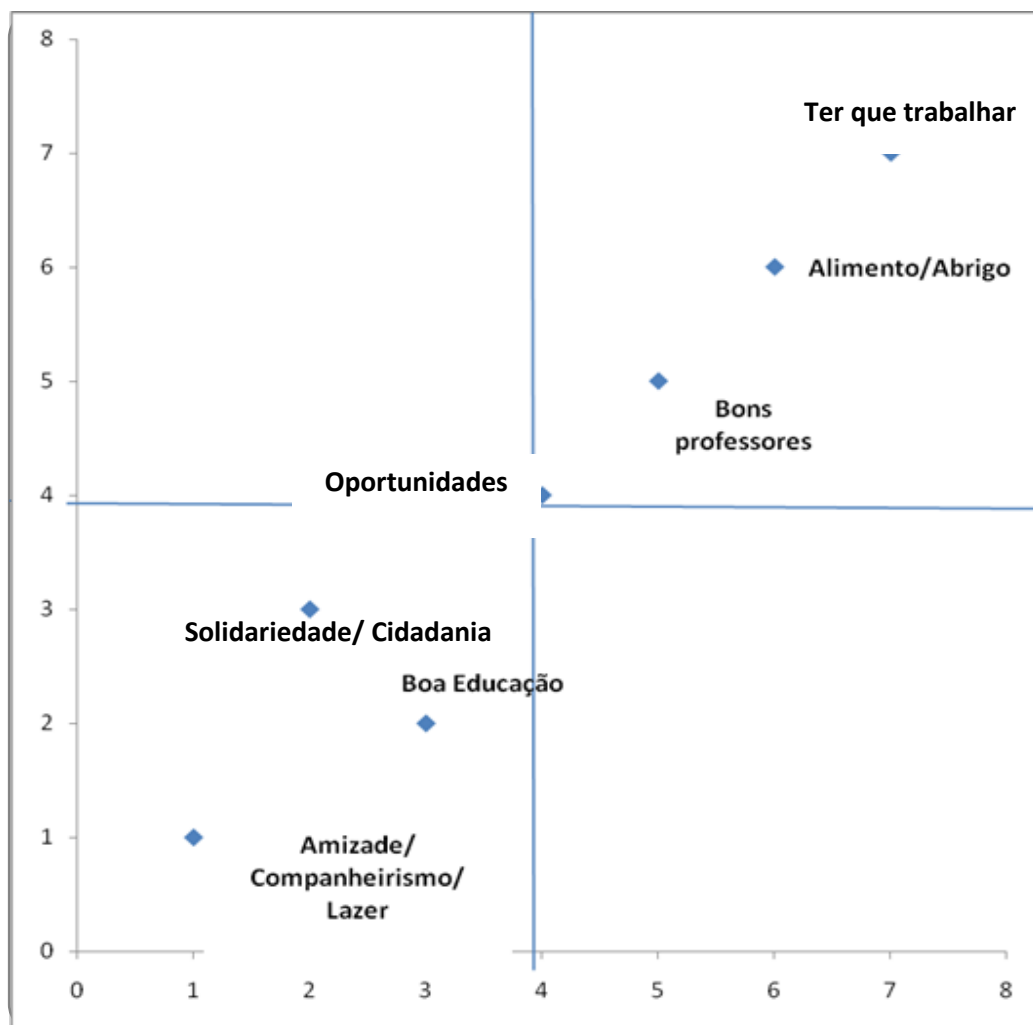
outras interpretações possíveis, aos limites que caracterizam a vida dessas pessoas – bem distante da expressão significativa na letra “a gente não quer só comida, quer comida diversão e arte”.

As compreensões apresentadas permitem retomar considerações sobre pobreza que remetem ao trabalho (ou sua falta) que remunera pouco, que é inseguro. Também se referem aos limites que a pobreza impõe às aspirações humanas, pois mesmo aqueles que consideram a situação *ruim* não esboçam menções que a qualificasse para além da segurança alimentar, por exemplo, a falta de acesso à boa educação, à cultura, saúde, lazer, etc. Tais itens não são considerados pelos jovens como elementos cuja presença ou ausência podem diferenciar uma situação econômica como boa ou não. Explicitam-se, aqui, os limites impostos pela condição difícil das famílias dos entrevistados que pautam suas interpretações acerca do tema.

Estas foram algumas variáveis selecionadas a partir da caracterização sociodemográfica do entrevistado (que inicia o questionário utilizado na pesquisa). O tema sobre a relação entre o jovem e a percepção da violência é abordado em seguida.

#### **4. CRIANÇAS E JOVENS DA FUNDAÇÃO CIDADE MÃE E A EXPERIÊNCIA DA VIOLÊNCIA**

Buscando melhor aprofundar esta avaliação da FCM, apresentaram-se aos estudantes uma questão na qual eles citavam livremente palavras ou frases para qualificar o tema sobre o que significa a Fundação para eles. Obteve-se o resultado exposto no Gráfico 01 que os apresenta de acordo com a relação que mantêm com o núcleo central da representação – ressaltando sua importância na evocação dos entrevistados sobre o assunto. É importante destacar que, quanto mais próximos de um (1), maior a frequência (dada pelo número de vezes em que a palavra foi citada) e a intensidade (dada pela posição da palavra na ordem da enunciação) dos valores, mais cristalizados eles são. Assim, pela leitura do gráfico, o primeiro quadrante, na parte inferior esquerda congrega valores com alta frequência e alta intensidade. O quadrante superior esquerdo refere-se a valores que tiveram alta frequência, porém baixa intensidade, o que significa que não apareceram nas primeiras posições na ordem de citação do conjunto das respostas. Já o quadrante inferior direito reúne valores com baixa frequência e alta intensidade. Finalmente, no quadrante superior direito, estão os valores com baixa frequência e baixa intensidade, portanto mais distantes de um, menos cristalizados.



**Gráfico 1 Significado da FCM para o estudante**

Fonte: Pesquisa de campo FCM, 2011-2012

Entre todas as ideias citadas, a *amizade, companheirismo e lazer* apresenta-se mais próxima do núcleo central. Pode-se dizer que tal proposição, em se tratando de crianças e jovens, é um elemento fundamental que pauta as relações. Os adolescentes, de sua parte, costumam se reunir em grupos, sendo estes definidos de acordo com certas afinidades, certas visões de mundo. O adolescente que percebe não ter o *status* de adulto, procura condições sociais em que sua admissão como indivíduo de direitos não esteja sujeita ao aval dos adultos, daí transformam a sua faixa etária em um grupo social de reconhecimento mútuo, formando verdadeiras micro sociedades integradoras, a partir de estilos, de afinidades, linguajar e simbologias múltiplas (CALLIGARIS, 2000).

Um segundo elemento que teve grande frequência nas respostas a essa questão foi a *boa educação*, corroborando o Gráfico 07 e relativa ao interesse do estudante por formação.

*Solidariedade e cidadania* apontam para o reconhecimento dos educando do papel da FCM no que tange a uma ação diferencial e audaciosa que visa interferir naquela realidade de pessoas que convivem com pobreza, exclusão, violência. Foram muito citadas nas entrevistas as noções de respeito, as orientações da escola no sentido da convivência com a diversidade. Falar educadamente, tratar civilizadamente professores, colegas e funcionários são lições de convívio social que eles relacionam ao cotidiano da Fundação.



“Os professores ensinam a gente a não xingar, a respeitar os outros...” (Educando FCM)

Apesar da menor frequência em relação aos outros itens, os *professores* foram elogiados pela competência, pela assiduidade e porque conversam com os alunos e os orientam, representando um ponto positivo na avaliação que fazem da FCM. Em outros momentos do questionário, porém, surge severas crítica a alguns mestres, revelando conflitos existentes e próprios da relação professor-aluno.

Por fim, as concepções que relacionam a FCM com alimento e abrigo são retomadas nesta questão de maneira menos significativa. Também houve uma única referência sobre *ter que trabalhar*, indicando que na Fundação o estudante tinha que realizar atividades laborais próprias dos funcionários do local.

Novamente em uma questão de associação livre de palavras, perguntou-se o que significa a violência para os jovens. Obteve-se, a distribuição apresentada no Gráfico 02a seguir.

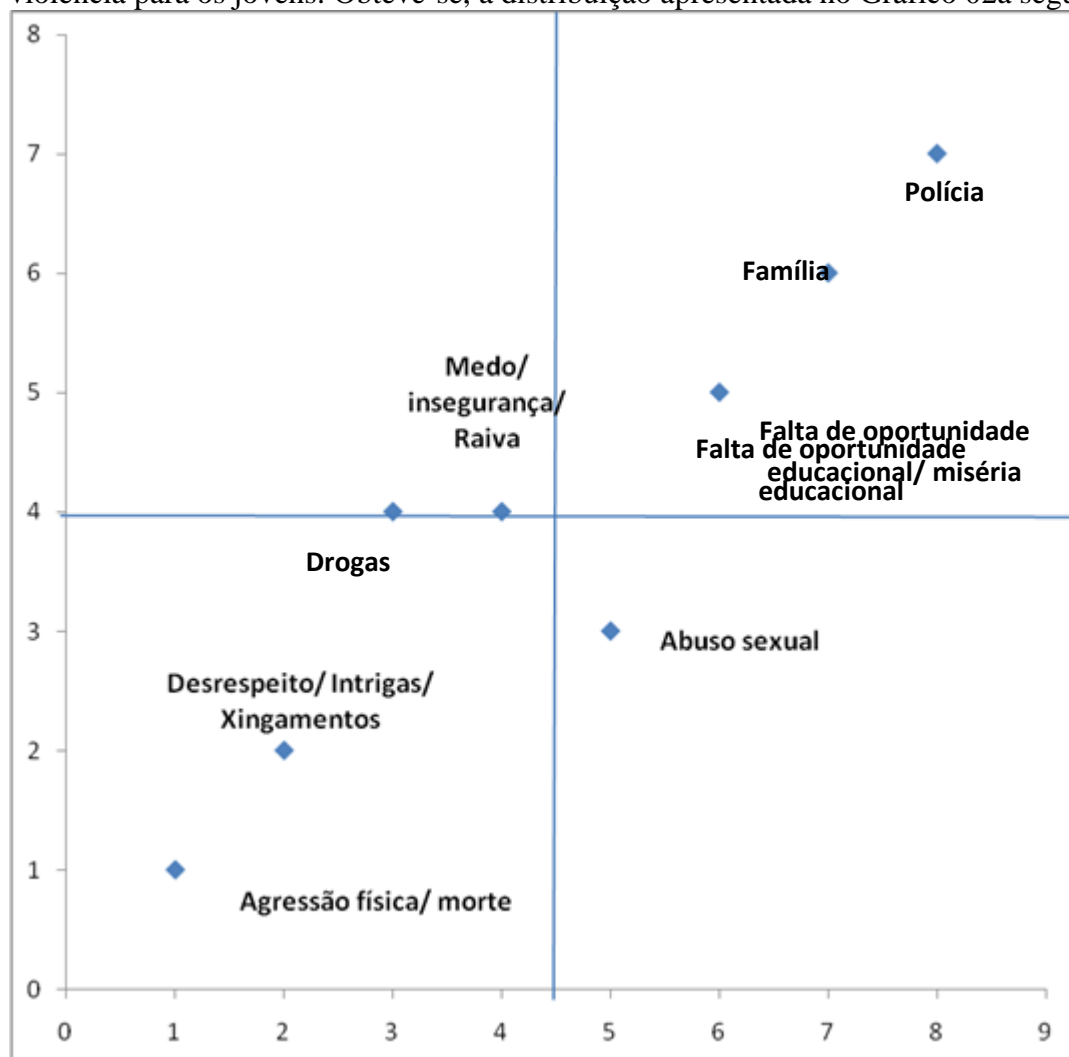


Gráfico 02 Significado da Violência para o estudante da FCM

Fonte: Pesquisa de campo FCM, 2010-2011

Como se pode observar no gráfico a maior frequência e intensidade das respostas dos jovens para o tema da violência a qualificam como *agressão física/morte* em primeiro lugar e, em segundo, como *desrespeito/intrigas/xingamentos*. Estudos mostram, neste caso, que há uma tendência dos jovens reconhecerem atos violentos apenas em situações pautadas por agressões físicas (CAMPOS;

GUIMARÃES, 2009). Vincula-se, pois, a representação da violência a ato agressivo e, principalmente, o que resulta em morte do indivíduo agredido. Essa interpretação exclui, portanto, comportamentos eminentemente violentos e que se referem à intimidação, coação, negligência, descaso.

No entanto, um segundo grupo que relaciona violência a agressões verbais também teve alta frequência entre os entrevistados, conforme aparece no gráfico relacionado a *desrespeito/intrigas/xingamentos*. Em seguida aparecem *drogas e medo ou insegurança*. No caso das drogas, tema que faz parte do cotidiano dos jovens, há referências nas entrevistas às mortes e agressões causadas por envolvimento no tráfico. No caso das noções de medo e insegurança, referem-se – embora com menor frequência – às situações de coação sofridas pelos indivíduos.

*Abuso sexual* surge no gráfico como o terceiro elemento mais frequente, muito embora não tenha sido citado, pela ordem da enunciação, em quinto lugar. Percebeu-se nas entrevistas com crianças e adolescentes da FCM uma dificuldade em tratar do tema.

Por fim, *falta de oportunidades educacionais*, indicam a pobreza e exclusão como tipos de violência. Também *família*, nesse caso trata-se de crianças que sofrem violência de parentes em casa. E *polícia*, alguns jovens atribuem à polícia situações violenta que vitimaram colegas ou conhecidos.

Corroborando as indicações no Gráfico 02, os jovens descreveram em uma questão específica as causas da violência. De acordo com as indicações, as drogas aparece de longe como principal causa de atos violentos (38,7%), seguida de desigualdade social (19,9%) e falta de educação (16,6%). Essa realidade que associa violência e drogas é bem conhecida pelos informantes desta pesquisa. O tráfico instituiu um poder paralelo nos bairros populares que é o grande deflagrador de atos violentos. Houve relatos, entre os entrevistados, de colegas que foram mortos ou sofreram mutilações por conta de brigas originadas no tráfico.

A escola dentro deste contexto acaba tendo seu cotidiano penetrado pela violência que assola a vida social do bairro onde se situa. E a convivência com essa situação enseja um posicionamento adequado por parte dos seus dirigentes. Um desses chegou a relatar, durante uma entrevista inicia, o caso de um professor que reprovou um aluno (traficante) e, por isso, foram jurados de morte, tendo que se transferir para outra unidade da FCM.

A Tabela 04 atesta que, do conjunto de entrevistados para esta pesquisa, 58% já presenciaram uma situação violenta com outra pessoa. E, ainda mais grave, conforme demonstrado no Gráfico 11, 60% já sofreu com alguma situação violenta ou de violência sexual.

Tabela 04: Observância de alguma situação de violência com outra(s) pessoa(s)

Situação	Casos	% Casos	% válido	% acumulado
Sim, presenciou.	58	58,0	62,3	62,3
Não presenciou.	34	34,0	36,5	98,8
Não lembra.	1	1,0	1,2	100,0
Não informou.	7	7,0	-	-
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>-</b>

Fonte: Pesquisa direta. Educandos atendidos pela FCM. PROEX/NUEC – UNEB. Maio/2011

Alguns depoimentos descreveram a situação violenta que foi presenciada, na maioria das vezes, no bairro ou na moradia do jovem.

“Um policial bateu na mulher porque ela não queria falar onde estava o irmão dela que usava drogas”  
(Entrevistado Coutos)

“Estava no bairro e um traficante matou cinco homens. Foi em 2010 à noite” (Entrevistado Coutos)

“Meu pai bateu em minha mãe” (Entrevistado Rio Vermelho)

“Vi duas pessoas alcoolizadas brigando na rua” (Entrevistado Canabrava)

Como se pode observar, os relatos envolvem figuras como polícia, traficante ou o pai e motivações ligadas à drogas, alcoolismo, roubo. O cotidiano de violência a que estão expostos crianças e jovens da Fundação se revela nos depoimentos e nas estatísticas produzidas nesta pesquisa.

## **5. PONTOS A SEREM ANALISADOS E APROFUNDADOS**

A temática da violência e sua reprodução no seio da infância, adolescência e juventude atualmente tem se colocado enquanto problema central e desafio a ser encarado pelos países, sobretudo os de terceiro mundo, que destacam-se pela distribuição de renda desigual e situação de pobreza acentuada, permitindo o questionamento da legitimidade dos sistemas econômicos, políticos e sociais da nação e exigindo um esforço conjunto de toda a sociedade na tentativa de melhor compreensão e enfrentamento da questão.

As razões dessa iniquidade que afetam os segmentos infanto-juvenis não são exclusivamente econômicas, mas se referem a um padrão altamente concentrador de renda e de poder que se reproduziu no país, garantido por uma herança lusitana de relações políticas e sociais autoritárias, que desde a época colonial, mantiveram a parte parcela considerável da população alocadas em espaços periféricos, focos da reprodução de uma sociabilidade violenta. Esse universo vem configurando, historicamente, o segmento dos vulnerabilizados e desfilados socialmente e ganhando maior expressividade, sobretudo, nos dias atuais, em detrimento das mudanças mais amplas e globais de cunho sócio-político e econômico pelas quais enfrentam os países, a exemplo do Brasil.

Nesse contexto, o segmento infanto-juvenil como objeto de investigação e de formulação de políticas públicas tem chamado a atenção de atores diferenciados, nacional e internacionalmente, considerando, sobretudo as condições de pobreza e de precariedade em que esses atores estão inscritos, atreladas à reprodução dos elevados índices de violência em suas múltiplas dimensões nos distintos espaços de sociabilidade.

A pobreza reproduzida por esse segmento passa a ser definida em detrimento do contexto social em que se vive, considerando o padrão de vida e a maneira como as diferentes necessidades são supridas em uma dada realidade socioeconômica. Tal condição deve ser vista de forma relativizada sendo compreendida, portanto, por comparação, estando ela vinculada às necessidades a serem satisfeitas, em função do modo de vida predominante no espaço social em questão. Deve ser encarada como um estado de carência relativamente a outras situações sociais com que é confrontado, significando a ausência de meios necessários para agir de modo satisfatório no conjunto social em que se vive. (ROCHA, 2003, p.11).

Pensar a temática infanto-juvenil e a violência em espaços vulneráveis significa analisar os contextos diferenciados não somente a partir do consumo, mas também relacioná-lo a um modo de vida e de sociabilidade, incluindo um conjunto de outros itens como educação, esporte, lazer, saúde, transporte, habitação, etc, considerados também necessidades fundamentais a serem satisfeitas por esses indivíduos e imprescindíveis para se pensar a cidadania e a inclusão social.

De acordo com Townsend (1993) as privações podem surgir em quaisquer ou todas as esferas da vida: no trabalho, domínio que provê os recursos determinantes para que os indivíduos se posicionem em outras dimensões da vida; no lar, na escola, na vizinhança e na família; enfim, em uma diversidade de atividades sociais e individuais em que diversos papéis sociais são desempenhados (TOWNSEND, 1993, p. 36).

Pensar a redução da violência por meio da emancipação infanto-juvenil significa atentar-se não somente para uma das dimensões do problema, a da escola, por exemplo, mas relacioná-la a um conjunto de fatores e contextos sociais determinantes para a manifestação de determinado fenômeno.

Tal visão relaciona-se ao que Sen (2009) define como falta de liberdade de diversos tipos para que os indivíduos usufruam de condições de vida minimamente satisfatórias. A baixa renda certamente contribui para essa situação, mas deve ser somada à influência de diversos outros fatores como falta de escolas de boa qualidade, de equipamentos públicos eficientes para intervenção nas comunidades, de saúde e de medicamentos, subjugação da mulher, problemas ambientais; falta de empregos, etc. (o que afeta os indivíduos mais que a renda).

Nessa ótica, a infância e a juventude no Brasil e na Bahia devem ser analisadas partindo da perspectiva dos direitos de cidadania, da participação, do incentivo ao protagonismo, o que se dá a partir da conformação de uma linguagem pública baseada em exigências de equidade e justiça estabelecendo uma forma de sociabilidade não violenta, mas regida pelo reconhecimento do outro como sujeito de direitos e interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas.

A partir da pesquisa realizada com os educandos da Fundação Cidade Mãe e dos indicadores socioeconômicos do Estado da Bahia percebeu-se o crescimento significativo de crianças, adolescentes e jovens em situações particulares de denegação de direitos elevando, as incidências da violência nas suas múltiplas dimensões.

A realidade desses atores deve ser pensada não somente considerando a insuficiência de renda que lhes atingem, mas também pela ótica da privação das capacidades, inscrevendo-se num campo de discussão que se coloca frente aos objetivos de justiça social, da igualdade e das desigualdades, culminando numa definição que, sem negar a relevância dos fatores econômicos, enfatiza as conotações legais, as implicações políticas e sua pertinência social. Logo, sem desprezar os fatores econômicos, tais reflexões devem remeter a questão das “vulnerabilidades”, ao campo da liberdade e da emancipação social, ou seja, não basta ter recursos econômicos se não se consideram as possibilidades de convertê-los em capacidades de ação, de participação e de autonomia. (SEN, 2000).

A violência reproduzida entre as crianças, adolescentes e jovens de comunidades pobres, como estas das quais fazem parte os educandos da Fundação Cidade Mãe, pode ser reduzida mediante a ampliação dos benefícios sociais oriundos das ações governamentais articuladas a outras esferas e, também, da elaboração de políticas públicas intersetoriais focadas nesses segmentos. Contudo, para garantir isso é necessário empoderar as pessoas, reconhecê-las nas suas múltiplas identidades, principalmente as mais afetadas pela miséria, para que os bens e serviços públicos sejam ampliados de modo efetivo e as deficiências sejam eliminadas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Perseu (1974). Pesquisa em Ciências Sociais: um guia para estudantes. Salvador: Núcleo de Recursos Didáticos da UFBA.

ARENDT, H. (1995). A condição humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária.

ARIÉS, Philippe. (1973) História social da criança e da família. 2ª ed., Rio de Janeiro: Guanabara p. 279.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N. (1989). Crianças Vitimizadas: a síndrome do pequeno poder. São Paulo: Iglu Editora.

AZEVEDO, M.A. & GUERRA, V.N. (1993). Incesto ordinário: a vitimização sexual doméstica da mulher-criança e suas conseqüências psicológicas. Em M.A. Azevedo & V.N. Guerra (Orgs.), *Infância e Violência Doméstica: fronteiras do conhecimento* (pp 195-208). São Paulo: Cortez..

- BRASIL, Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei 8.069 de 13/07/90.
- BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade líquida* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOURDIEU, P. (1983) “A “juventude” é apenas uma palavra”, in *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero.
- CALLIGARIS, C. (2000) *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.
- DEL PRIORE, M. (org.) (1991). *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- DE MAUSE, Lloyd (1991). *História de la infância*. Madri, Alianza Universid.
- DURKHEIM, E. (1978). *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos.
- FOUCAULT, M. (1975). *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes.
- GUIMARÃES, S. P. & Campos, P. (2007). Norma Social Violenta: Um Estudo da Representação Social da Violência em Adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20 (2), pp. 188-196.
- MATOS, M., e CARVALHOSA, Susana F. (2001). *A violência na escola: vítimas, provocadores e outros*. Tema 2, n.º 1. Faculdade de Motricidade Humana/ PEPT – Saúde/GPT da CM Lisboa.
- MATURANA, Humberto. (1999). *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: UFMG.
- MAUSS, M. (1996). *Trois observations sur la sociologie de l'enfance*. *Gradhiva*, 20.
- PINTO, M. & SARMENTO, M. J. (Org.). (1997). *As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando campos*. In: *As crianças: contexto e identidades*. Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança.
- PROUT, A. *Reconsiderar a nova sociologia da infância*. (2004) Braga: Universidade do Minho; Instituto de Estudos da Criança.
- RAVENS-SIEBERER U, KOKONYEI G, Thomas C. (2004). *School and health*. In: Currie C, Roberts C, Morgan A, Smith R, Settertobulte W, Samdal O, et al. (editors). *Young people's health in context. Health Behavior in School-aged Children (HBSC) study: international report from the 2001/2002 survey*. *Health Policy for Children and Adolescents*; N° 4. World Health Organization. p. 184-195.
- ROSSIN, Elizabeth. (1999) - *Intervenções junto as famílias em situação de risco pessoal e social*. In: *Cadernos caminhos para a cidadania - Série Escolas de Conselhos*, n° 1, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul - Campo Grande – MS.
- SOUZA, S.L. (2000). *A violência vivenciada por adolescentes trabalhadores de rua [dissertação de mestrado]*. Salvador (BA): Universidade Federal da Bahia.
- ZALUAR, Alba. (2000). *Violência, dinheiro fácil e justiça no Brasil: 1980-1995*. In: *Avessos do Prazer*. Gilberta Acselrad (org). Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, p. 51-74.